

O Convento da Penha pede socorro

Com problemas sérios de conservação, o Convento da Penha continua aguardando da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) providências para receber obras de restauração.

Mauro Sérgio Loureiro

Em bora tenha sido cientificada sobre as condições precárias de conservação do Convento da Penha, até agora a Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) ainda não se manifestou sobre quais as providências que estariam sendo tomadas para sua restauração. Enquanto isso, o santuário mais antigo e principal cartão de visitas dos religiosos continua aguardando as obras de recuperação.

Os principais setores que apresentam deficiências são o altar-mor, que, com uma rachadura na parte superior, lado esquerdo, chega a oferecer perigo àqueles que dele se aproximam; o telhado, que precisa ser mudado; dois altares laterais, atacados por cupim, sendo que um chega a estar bastante afastado da parede; e o piso, muito desgastado.

Além desses problemas, o frei Diamantino Prata de Oliveira, que administra o convento, vê outras dificuldades que reclamam providências, já que estão diretamente relacionados com o aspecto de preservação do patrimônio.

— Já entramos em entendimentos com o Patrimônio Histórico para ver se conseguimos um local onde possamos manter o museu de Nossa Senhora da Penha, que tem algumas peças de valor, mas que não podem ser conservadas porque o atual espaço não é adequado. Além disso, não temos espaço para atender aos fiéis em confissões, sobretudo nos fins de semana e nas épocas de grande procura. Contudo, estamos buscando um entendimento para ver se encontramos uma solução, mesmo que não seja a curto prazo, mas pelo menos a médio, para ver se conseguimos alguma coisa.

Um outro plano que já está definido pelo frei Diamantino seria a transferência do bar para um local mais próximo ao campinho, onde também seria instalada uma loja para venda de produtos religiosos e literatura. E o local onde funciona o bar, por ser parte do Patrimônio Histórico, seria transformado em museu e sala de milagres. A área onde está a sala de milagres, na parte superior, seria transformada em local de reconciliação, de

onde os fiéis se deslocariam para uma conversa com o sacerdote no sacramento da penitência.

Para frei Diamantino, a dependência do convento diante do Patrimônio Histórico, inicialmente seria só no que se refere à autorização. Diz que "quanto aos recursos, a SPHAN entraria mais naquilo que trata da restauração. Se vamos ter um espaço para instalar o museu, não podemos colocar as peças sacras da maneira como estão, desgastadas pelo tempo, pelo cupim. Nesse caso, gostaríamos de ter um museólogo que pudesse restaurar estas peças".

— E eu adianto — continua frei Diamantino — que, se tivéssemos espaço, nada impediria que criássemos um ambiente para estudiosos, mesmo da Ufes. Você sabe, a Ufes, as universidades em geral, estão sem perspectivas de pesquisas, material se acabando. Então, se tivéssemos aqui um localzinho onde os estudantes pudessem se dedicar a este campo da pintura, das artes plásticas, restaurar, sob orientação de uma pessoa especializada, seria um trabalho de cultura para a comunidade. Creio que temos condições de fazer um trabalho em conjunto a favor da arte religiosa do nosso Estado, tendo como expressão máxima o convento, o que seria um serviço à comunidade que nos cerea.

Segundo o administrador do convento, o interesse por parte da comunidade universitária é fundamental para a preservação de patrimônios históricos. Diz que "se os professores incentivam seus alunos a interessar pelas obras do convento haverá facilidade de se ter uma continuidade. Nesse caso, incluso o pessoal de arquitetura, desenho, artes plásticas".

Recentemente, 150 alunos da Ufes, do curso de Desenho, estiveram no convento e fizeram alguns trabalhos. Depois conversaram com o frei Diamantino, que lhes mostrou a necessidade de um empenho de todos os setores interessados na preservação e restauração do convento. Agora, estes mesmos estudantes estão se mobilizando e procurando sensibilizar outras pessoas que reconhecem o valor histórico e arquitetônico do imóvel, a fim de recuperá-lo.

Apesar da morosidade com que está sendo tratada a questão da restauração do convento, o frei Diamantino continua esperançoso e acredita que através do diálogo se possa resolver o problema.

— Há algum tempo estive em contato com o representante do Patrimônio Histórico aqui no Espírito Santo, Pedro Fundão, e pude perceber que ele está bastante atento, consciente dos problemas, pois afinal é um filho aqui da terra, e está fazendo o máximo para encaminhar os nossos pedidos e mesmo tentando ver o que se pode fazer em termos de manutenção, conservação de todo o convento da Penha.

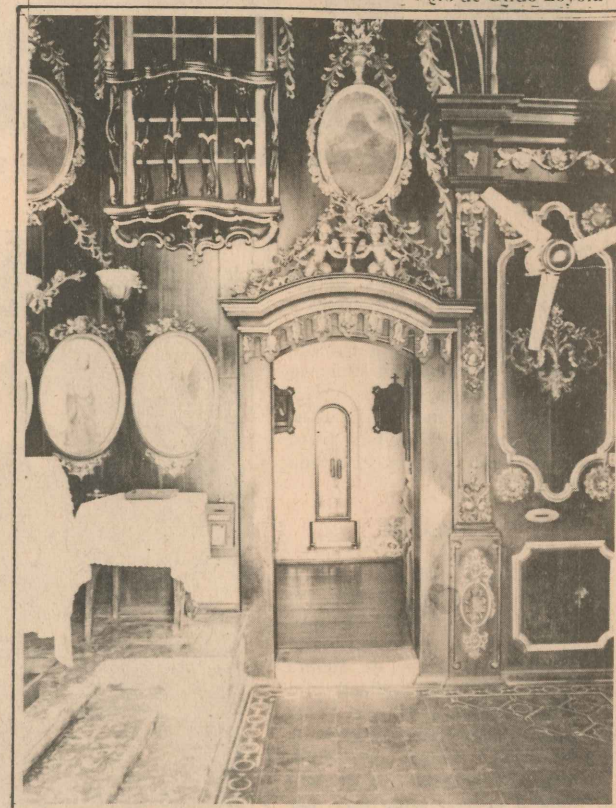
Frei Diamantino esteve em contato também com o diretor regional da SPHAN, e, segundo ele, o representante do órgão "foi bastante solícito, atencioso". O frei acredita "que, através do entendimento, do diálogo, vamos conseguir alguma coisa, mesmo se não conseguir tudo".

A fundação do convento da Penha data de 1570. Começou com a inauguração da ermida das Palmeiras, onde está localizado o sino da Penha. Depois, com a morte de frei Pedro Palácios, a capelinha ficou aos cuidados de amigos. Somente no final do século XVI é que todo o patrimônio do convento foi doado aos frades franciscanos.

Somente depois de haver um convento franciscano em Vitória é que se lançaram os fundamentos para a construção da igreja, na metade do século XVII, e também a construção da primeira parte do convento, que é a área de cima. A parte baixa só foi construída em 1750, quando as obras religiosas tiveram um grande florescimento. Depois de alguns reparos, o convento perdeu um pouco de sua originalidade, já que chegou a ter paredes de estuque, como lembra o frei Diamantino, mas ainda hoje conserva muito de sua fase inicial "e é exatamente isto que está se tentando preservar".

— O que importa é que, em sua estrutura e em sua aparência, o convento conserve as características. Isto a gente reserva porque é um patrimônio que está aí, de séculos, que os nossos maiores nos legaram e que temos que manter também, ao máximo que for possível.

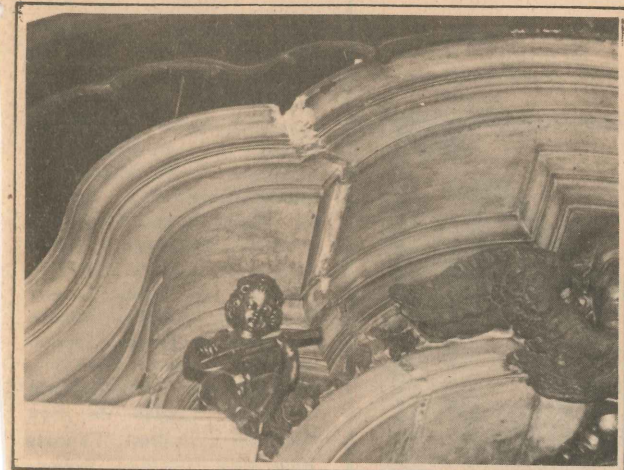
Foto de Gildo Loyola



A escada de frente ao altar-mor também está bastante prejudicada



Frei Diamantino Prata: "É preciso preservar uma obra de valor histórico e arquitetônico inestimável. Estou esperançoso de que a SPHAN vá restaurar o convento".



O altar principal, com rachaduras, precisa de reparos urgentes



O piso, desgastado pela passagem dos fiéis, precisa de novo tratamento